



por *Maria Tereza de Queiroz Piacentini* \*

## DE POLOS E BOLOS: ACENTO DIFERENCIAL

*Pergunta um menino a outro:*

- *Vamos jogar uma pelada?*
- *Está bem, vou buscar a bola.*

Seria estranho se o garoto fosse buscar a “péla”, palavra que deu origem à informal “pelada” porque designativa de um tipo de bola usada no jogo da **pela**. Esta palavra perdeu o acento agudo, mas continua com o e aberto. A mesma pronúncia (é) mantém o ato de pelar: “Tu **pelas** ou ele **pela** uma laranja em dois segundos”.

Antes de 1971 usava-se o acento circunflexo no e e no o de certas palavras homógrafas para distinguir a pronúncia fechada (por exemplo *êle, êsse, sôbre, côrte*) da aberta (*ele, esse, sobre, corte*), ou seja, por questão de timbre. A Lei 5.765/71 aboliu esse acento diferencial, tendo permanecido duas exceções por timbre (**pôde** e **fôrma** – esta última não oficialmente), além de outros pares diferenciais em razão da tonicidade, em que o acento agudo ou circunflexo distinguia a sílaba tônica da átona (**côa, pólo, pôlo, pêlo, pélo, pêra, péra, pára, pôr**).

O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que entrou em vigor em janeiro de 2009, reduziu essas onze palavras acentuadas a três: **pôr, pôde** e **fôrma** (sendo o acento facultativo neste último caso).

Não se usará mais acento em **para** (verbo), **pela** (bola ou verbo), **polo** (extremidade, face oposta), **pelo** (cabelo, penugem) e **pera** (fruta), como acontece com todas as palavras paroxítonas terminadas em a, e, o.

O acento diferencial evita ambiguidades. Imagine, por exemplo, um bilhete deixado na sua mesa: “O contador não pode vir, conforme sua convocação”. Significa o quê? Que não houve jeito de ele vir, ou que no momento está impossibilitado de comparecer? Para esclarecer, basta um sinal gráfico: Não **pôde** vir [ontem, ou outro passado]. Não **pode** vir [hoje, agora].



por *Maria Tereza de Queiroz Piacentini* \*

Outro caso em que o acento diferencial se faz quase que indispensável é o de **fôrma** versus **forma**, porque ambas as palavras pertencem à mesma classe gramatical, têm a mesma distribuição na frase. Só o contexto não evita a ambiguidade – uma coisa é “prefiro esta forma” e outra é “prefiro esta fôrma”. É o acento que nos faz perceber a diferença de sentido.

Há muitos pares de homógrafos, como *bolo* (doce) e *bolo* (verbo) ou *fora* (na parte exterior; exceto) e *fora* (verbo), que não se confundem dentro de um mesmo contexto:

- Vou colocar o **bolo** na fôrma que inventei. Como **bolo** coisas lindas! - diz, convencida.
- O menino deixou a bicicleta lá **fora**, mas quando o procurei, já se **fora**.

Há uma palavra, entretanto, que deveria ter permanecido com o acento diferencial: **pára**. Não custava nada terem deixado os três verbos na mesma situação: *pôde*, *pôr*, *pára*. Criou-se no mínimo um problema para os jornais porque, usada isoladamente, a forma verbal “para” se confunde com a preposição “para”. Por exemplo, numa frase como TRÂNSITO PARA SÃO PAULO, a tendência do leitor é entender que o trânsito vai em direção a ou é destinado a SP. Como os jornais prezam por uma comunicação rápida mas eficiente, já não podem usar o verbo em manchetes! Esse acento poderia ser facultativo, ao menos, para salvaguardar os casos ambíguos. Quem sabe a Academia Brasileira de Letras ainda vá mudar este ponto da reforma, um entre outros que merecem revisão.